

TRINTA E CINCO PRETENDENTES E UMA PRINCESA.
UMA NOVA SELEÇÃO COMEÇOU.

A woman in a grey, strapless, floor-length gown with a large ruffled skirt is shown from the back, looking over her shoulder. She is holding a tiara. The background is a blurred ballroom with other people in formal attire and falling confetti.

A HERDEIRA

livro 4 da série A SELEÇÃO

KIERA CASS

SEGUINTE

*Para Jim e Jennie Cass.
Por muitos motivos, mas principalmente por fazerem Callaway.*



1

NUNCA CONSEGUI PRENDER A RESPIRAÇÃO por sete minutos. Nem sequer por um. Uma vez tentei correr um quilômetro e meio em sete minutos depois de descobrir que alguns atletas faziam isso em quatro, mas fracassei espetacularmente quando pontadas na lateral do abdome me deixaram exausta no meio do percurso.

Contudo, há uma coisa que consegui fazer em sete minutos que a maioria das pessoas consideraria bem impressionante: me tornar rainha.

Por ínfimos sete minutos cheguei ao mundo antes do meu irmão, Ahren, e o trono que deveria ser dele passou a ser meu. Se eu tivesse nascido uma geração antes, esse detalhe não teria feito diferença. Ahren era homem; Ahren seria o herdeiro.

Ora, minha mãe e meu pai não suportariam ver sua primogênita perder o título por causa de um inoportuno, ainda que agradável, par de peitos. Então eles mudaram a lei, e o povo se alegrou, e fui preparada dia após dia para me tornar a próxima governante de Illéa.

O que eles não entendiam era que aquelas tentativas de tornar minha vida justa pareciam bem *injustas* para mim.

Eu tentava não reclamar. Afinal, tinha consciência de que era muito sortuda. Mas havia dias, às vezes meses, em que eu sentia um enorme peso nas costas. Peso demais para qualquer pessoa suportar sozinha, na verdade.

Folhee o jornal e vi que outra rebelião havia ocorrido, dessa vez em Zuni. Vinte anos atrás, o primeiro ato de meu pai como rei foi dissolver as castas, e o velho sistema se desfez aos poucos, ao longo da minha vida. Eu ainda achava totalmente bizarro que no passado as pessoas vivessem marcadas por esses rótulos restritivos e arbitrários. Minha mãe era Cinco, meu pai, Um. Não fazia sentido, até porque não havia nenhum sinal externo dessas divisões. Como eu ia saber se estava ao lado de um Seis ou de um Três? Aliás, por que isso importava?

Logo que o fim das castas foi decretado, houve comemorações por todo o país. Meu pai esperava que as mudanças já estivessem bem consolidadas depois de uma geração. Ou seja: a essa altura, as coisas deveriam se acertar de vez.

Não era o que estava acontecendo, e essa nova rebelião era a mais recente de uma série de revoltas.

— Café, Alteza? — perguntou Neena ao deixar a bebida sobre a minha mesa.

— Obrigada. Pode levar os pratos.

Corri os olhos pelo artigo. Dessa vez, incendiaram um restaurante porque o proprietário não queria promover um garçom a chef de cozinha. O garçom alegava que a promoção havia sido prometida mas nunca efetivada, e tinha certeza de que era por causa do passado de sua família.

Vendo os restos carbonizados do prédio, eu sinceramente não sabia de que lado ficar. O proprietário tinha o direito de promover ou demitir quem quisesse, e o garçom tinha o direito de não ser marcado com um rótulo que, teoricamente, já não existia.

Deixei o jornal de lado e peguei minha bebida. Meu pai ia ficar irritado. Eu tinha certeza de que ele já devia ter pensado e repensado mil estratégias para tentar amenizar a situação. Mas, mesmo que conseguíssemos resolver alguns problemas, éramos incapazes de evitar cada um dos casos de discriminação pós-castas. Eram numerosos, muito frequentes e difíceis de monitorar.

Pus o café na mesa e fui em direção ao closet. Já estava na hora de começar o dia.

— Neena? — chamei. — Você sabe onde está o vestido cor de ameixa? Aquele com a faixa?

Ela apertou os olhos, concentrada, e veio ajudar.

Neena era relativamente nova no palácio. Começara a trabalhar comigo seis meses antes, quando a criada anterior ficou duas semanas de cama. Neena era tão atenta às minhas necessidades e tão boa companhia que a mantive. Também gostava muito de seu olho para moda.

Neena arregalou os olhos diante daquele espaço imenso.

— Talvez devêssemos reorganizar isso aqui.

— Pode reorganizar, se tiver tempo. Mas não é um projeto que me interessa.

— Não quando posso procurar as roupas para a senhorita, não é? — ela provocou.

— Exatamente!

Ela levou na brincadeira e, rindo, começou a vasculhar entre vestidos e calças.

— Gostei do seu cabelo hoje — comentei.

— Obrigada.

Todas as criadas usavam touca, mas mesmo assim Neena era muito criativa com seus penteados. De vez em quando, cachos grossos e escuros emolduravam seu rosto; outras vezes, enrolava as mechas num coque. Naquele dia, tranças largas rodeavam sua cabeça enquanto o resto do cabelo estava coberto. Eu gostava muito de ver como ela inventava maneiras diferentes de usar o uniforme, personalizando-o todos os dias.

— Ah! Está aqui atrás! — exclamou Neena, puxando o vestido longuete e

estirando-o sobre a pele escura de seu braço.

— Perfeito! E você sabe onde está meu blazer cinza? Aquele de mangas três quartos?

Ela me olhou impassível.

— Com certeza vou reorganizar isso aqui.

— Você procura, eu me visto — falei, rindo.

Pus a roupa e penteei o cabelo, me preparando para mais um dia como o futuro rosto da monarquia. A combinação era feminina o bastante para conferir um ar de suavidade, mas também forte o bastante para que eu fosse levada a sério. Era um bom estilo a seguir, e eu o seguia diariamente.

Olhei para o espelho e disse para meu reflexo:

— Você é Eadlyn Schreave. Será a próxima pessoa a governar este país e a primeira garota a fazer isso sozinha. Nenhuma pessoa — prossegui — é tão poderosa quanto você.

Meu pai já estava no escritório com a testa franzida enquanto lia as notícias. Exceto pelos olhos, eu não era muito parecida com ele. Aliás, nem com a minha mãe.

Com o cabelo escuro, o rosto oval e a pele com um leve bronzeado que durava o ano todo, eu parecia mais com a minha avó do que com qualquer outra pessoa. No corredor do quarto andar havia uma pintura dela no dia de sua coroação. Eu costumava analisá-la quando era mais nova para tentar adivinhar como seria quando crescesse. A idade dela no retrato era próxima da minha agora e, embora não fôssemos idênticas, às vezes eu tinha a sensação de ser seu reflexo.

Cruzei a sala e beijei meu pai na bochecha.

— Bom dia.

— Bom dia. Você viu os jornais? — ele perguntou.

— Sim. Pelo menos ninguém morreu desta vez.

— Graças aos céus.

As piores revoltas eram as que resultavam em mortes ou desaparecimentos. Era terrível descobrir que rapazes foram espancados só porque se mudaram com a família para um bairro melhor, ou que mulheres foram atacadas por tentar conseguir um emprego que, no passado, era proibido para elas.

Às vezes, o motivo e as pessoas por trás desses crimes eram descobertos rapidamente, mas quase sempre havia muitas trocas de acusação e nenhuma resolução definitiva. Eu ficava exausta só de ouvir e sabia que era ainda pior para meu pai.

— Não entendo — ele disse ao tirar os óculos de leitura e esfregar os olhos.

— Eles não queriam mais as castas. Nós fomos com calma, eliminamos as

divisões devagar para todos conseguirem se adaptar. E agora eles queimam prédios.

— Há algum jeito de regulamentar isso? Podemos criar uma comissão para supervisionar as reclamações.

Voltei a observar a foto no jornal. No canto da imagem, o jovem filho do dono do restaurante chorava a perda de tudo. Sinceramente, eu sabia que as reclamações chegariam tão rápido que ninguém seria capaz de atendê-las, mas também sabia que meu pai não suportaria ficar de braços cruzados.

— É isso que você faria? — ele perguntou, olhando para mim.

— Não — respondi com um sorriso. — Eu perguntaria ao meu pai o que ele faria.

Ele suspirou.

— Nem sempre você terá essa opção, Eadlyn. Você precisa ser forte, decidida. Como você resolveria este incidente em particular?

Pensei um pouco antes de responder.

— Não acho que seja possível resolver essa situação. Não há meio de provar que foram as velhas castas que impediram a promoção do garçom. A única coisa que podemos fazer é abrir uma investigação para descobrir quem iniciou o incêndio. Uma família perdeu seu sustento hoje, e alguém deve ser responsabilizado. Não é com incêndios que se faz justiça.

Ele balançou a cabeça e pousou os olhos no jornal novamente.

— Acho que você está certa. Gostaria de poder ajudá-los. Mas, acima de tudo, precisamos pensar em como evitar que aconteça novamente. A situação já saiu do controle, Eadlyn, e isso é assustador.

Meu pai atirou o jornal no lixo e levantou, caminhando até a janela. Por sua postura, dava para perceber que estava tenso. Às vezes, sua função lhe trazia muita alegria, como quando visitava escolas cujas condições trabalhara sem descanso para melhorar ou quando via o florescimento de comunidades naquele tempo livre de guerras que havia inaugurado. Mas essas ocasiões se tornavam cada vez mais raras e escassas. Ele passava a maioria dos dias angustiado com a situação do país, fingindo sorrisos para os jornalistas, na esperança de que sua postura calma contagiasse a todos. Minha mãe o ajudava a carregar o fardo, mas no fim das contas o destino do país recaía única e exclusivamente nas suas costas. Um dia, estaria nas minhas.

Consciente de que se tratava de uma questão totalmente fútil, eu me preocupava com a possibilidade de ficar grisalha antes da hora.

— Faça uma anotação para mim, Eadlyn. Lembre-me de escrever ao governador de Zuni, Harpen. Ah, e escreva que a carta é para Joshua Harpen, não para o pai dele. Sempre esqueço que foi ele quem concorreu nas últimas

eleições.

Anotei as instruções com minha elegante letra cursiva, pensando em como meu pai ficaria satisfeito ao vê-la mais tarde. Ele costumava pegar muito no meu pé por causa da minha caligrafia.

Sorrindo comigo mesma, me voltei para meu pai, mas logo desanimei ao vê-lo coçar a cabeça, tentando desesperadamente encontrar uma solução para aqueles problemas.

— Pai?

Ele se virou para mim e, por instinto, endireitou os ombros, como se precisasse assumir uma postura forte mesmo diante de mim.

— Por que você acha que isso está acontecendo? Não foi sempre assim.

Ele arqueou as sobrancelhas e começou a responder:

— Com certeza não — disse, quase para si mesmo. — No começo, todos pareciam contentes. Cada vez que removíamos uma casta, as pessoas festejavam. Apenas nos últimos anos, depois que todos os rótulos foram oficialmente apagados, as coisas saíram do controle.

Ele voltou a olhar pela janela antes de prosseguir:

— Só consigo pensar em uma coisa: quem cresceu com as castas tem consciência de que o que temos agora é melhor. Em comparação, é mais fácil casar ou trabalhar. A renda de uma família não provém de apenas uma profissão. Há mais opções quando se trata de educação. Mas aqueles que estão crescendo sem as castas e ainda enfrentam obstáculos... Acho que não sabem o que mais podem fazer.

Meu pai então olhou para mim e deu de ombros.

— Preciso de um tempo — murmurou. — Preciso dar um jeito de pausar os acontecimentos, resolver essa situação e então dar sequência ao governo.

Notei um sulco profundo em sua testa.

— Pai, não acho que isso seja possível.

Ele achou graça.

— Já fizemos isso antes. Eu lembro...

O foco de seu olhar mudou. Ele me observou por um momento. Parecia me fazer uma pergunta sem palavras.

— Pai?

— Sim?

— Você está bem?

Ele piscou algumas vezes antes de falar:

— Sim, querida, muito bem. Por que você não vai trabalhar naqueles cortes orçamentários? Podemos repassar suas ideias hoje à tarde. Preciso conversar com sua mãe.

— Claro.

Talento para matemática não era algo natural para mim. Por isso, eu levava o dobro do tempo para fazer cortes no orçamento e planejamentos financeiros. Mas também recusava veementemente que um dos conselheiros de meu pai ficasse atrás de mim com uma calculadora, tentando consertar minha bagunça. Ainda que precisasse passar a noite em claro, sempre garantia que meu trabalho estivesse correto.

Claro, Ahren era naturalmente bom em matemática, mas ninguém nunca o obrigava a aturar reuniões de orçamento, rezoneamento ou serviços de saúde. Ele sempre escapava ileso por causa daqueles malditos sete minutos.

Meu pai me deu um tapinha no ombro antes de sair do escritório às pressas. Levei mais tempo que o normal para me concentrar nos números. Não conseguia parar de pensar em sua expressão e estava certa de que tinha alguma coisa a ver comigo.



2

DEPOIS DE TRABALHAR POR ALGUMAS HORAS no relatório orçamentário, decidi fazer uma pausa, ir para o meu quarto e pedir uma massagem nas mãos para Neena. Eu amava esses pequenos luxos do meu dia. Vestidos feitos sob medida, sobremesas exóticas preparadas só porque era quinta-feira, um suprimento interminável de coisas bonitas: eu tinha privilégios, e eles com certeza eram a minha parte favorita do cargo.

Meu quarto tinha vista para os jardins. Conforme o sol mudava de posição, a luz ganhava um tom alaranjado acolhedor e iluminava as altas muralhas. Me concentrei no calor e nos dedos precisos de Neena.

— Enfim, ele fez uma cara esquisita. Era como se tivesse saído fora do ar por um minuto.

Eu estava tentando explicar a atitude inesperada de meu pai pela manhã, mas era difícil descrever. Eu nem sabia se ele tinha encontrado minha mãe ou não, pois não voltou mais para o escritório.

— Acha que ele está doente? Ele parece bem cansado esses dias — Neena falou, enquanto suas mãos faziam mágica com as minhas.

— Parece? — perguntei. Achava que não era bem cansaço o que ele tinha. — Provavelmente deve estar muito estressado. E como não estaria, com tantas decisões para tomar?

— E um dia você estará nessa posição — ela comentou. Seu tom de voz evidenciava uma autêntica preocupação misturada com uma provocação brincalhona.

— O que significa que você terá de me fazer o dobro de massagens.

— Não sei — ela disse. — Talvez tente algo novo daqui a alguns anos.

Fechei a cara.

— O que mais você faria? Não há opções muito melhores que um trabalho no palácio.

Alguém bateu à porta, e Neena não teve chance de responder à pergunta.

Levantei, vesti o blazer novamente para ficar mais apresentável e fiz um sinal com a cabeça para que Neena deixasse a visita entrar.

Sorridente, minha mãe apareceu à porta. Meu pai vinha logo atrás, satisfeito. Era sempre assim: em eventos de Estado ou jantares importantes, minha mãe ficava ao lado ou logo atrás de meu pai; porém, quando eram apenas marido e mulher — e não rei e rainha —, ele a seguia por toda parte.

— Oi, mãe — cumprimentei, me aproximando para abraçá-la.
Minha mãe colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e sorriu.

— Gostei do visual.

Dei um passo para trás, orgulhosa, e corri as mãos pelo vestido.

— As pulseiras dão um bom destaque, não é?

Ela riu.

— Excelente atenção aos detalhes.

De vez em quando, minha mãe me deixava escolher suas joias e sapatos, mas era raro. Ela não achava isso tão divertido quanto eu, e também não usava muitos acessórios para melhorar a aparência. Na verdade, não precisava mesmo. Eu gostava de seu estilo clássico.

Mamãe se voltou para Neena e tocou-a no ombro.

— Você pode sair — disse em voz baixa.

Neena fez uma reverência no ato e nos deixou a sós.

— Algo errado? — perguntei.

— Não, meu amor. Só queremos conversar em particular — respondeu meu pai, gesticulando para que nos sentássemos à mesa. — Há uma oportunidade que gostaríamos de discutir com você.

— Oportunidade? Vamos viajar? — Eu adorava viajar. — Por favor, digam que finalmente vamos para a praia. Será que podemos ir só nós seis?

— Não exatamente. Não poderíamos ir a lugar nenhum com hóspedes em casa — minha mãe explicou.

— Ah! Companhia! Quem vem?

Os dois trocaram olhares antes de minha mãe continuar: — Você sabe que a atual situação é preocupante. O povo está agitado e infeliz, e não fazemos ideia de como aliviar a tensão.

— Eu sei... — suspirei.

— Estamos em busca de um jeito de levantar o moral das pessoas — meu pai acrescentou.

Fiquei animada. Levantar o moral costumava envolver celebrações, e eu nunca dispensava uma festa.

— O que vocês têm em mente? — quis saber, já imaginando um vestido novo. Mas logo afastei a ideia; não era nisso que eu devia me concentrar naquele momento.

— Bem — meu pai começou —, o público reage melhor a notícias positivas relacionadas à nossa família. Quando sua mãe e eu nos casamos, o país passou por uma de suas melhores fases. E você lembra como as pessoas festejaram nas ruas quando souberam que Osten ia chegar?

Abri um sorriso. Eu tinha oito anos quando Osten nasceu, e nunca esqueci o

entusiasmo de todos com o anúncio. Do meu quarto, dava para ouvir a música nas ruas praticamente até o amanhecer.

— Foi maravilhoso.

— Foi mesmo. E agora as pessoas olham para você. Não vai demorar para se tornar a rainha.

Meu pai fez uma pausa.

— Pensamos — continuou — que talvez você aceitasse fazer alguma coisa pública, alguma coisa empolgante para o povo e, talvez, muito benéfica para você também.

Apertei os olhos, concentrada, sem entender direito aonde aquela conversa ia chegar.

— Estou ouvindo.

Minha mãe limpou a garganta.

— Você sabe que, no passado, princesas se casavam com príncipes de outros países para fortalecer relações internacionais.

— Você usou o verbo no passado, né?

Ela riu, mas não achei graça.

— Sim.

— Que bom — eu disse. — Porque o príncipe Nathaniel parece um zumbi, o príncipe Hector dança como um zumbi e, se o príncipe da Federação Germânica não aprender o que é higiene pessoal até a festa de Natal, nem deveríamos convidá-lo.

Minha mãe esfregou a cabeça, frustrada.

— Eadlyn, você é sempre tão exigente.

Meu pai deu de ombros.

— Talvez isso não seja ruim — comentou, para ganhar um daqueles olhares de mamãe.

Fechei a cara.

— Mas do que diabos vocês estão falando?

— Você sabe como sua mãe e eu nos conhecemos — continuou meu pai.

— Todo mundo sabe. Vocês dois viveram praticamente um conto de fadas — repliquei com cara de tédio.

Ao ouvir isso, os dois suavizaram a expressão e abriram um sorriso. Eles pareciam se inclinar levemente um para o outro, e meu pai mordeu os lábios ao olhar para minha mãe.

— Com licença. A primogênita está no quarto também. Vocês se importam?

Minha mãe corou, e meu pai limpou a garganta antes de continuar: — A Seleção foi um sucesso para nós. E, embora meus pais tivessem seus problemas, o processo funcionou para eles também. Então... estávamos pensando...

Ele hesitou e nossos olhares se cruzaram.

Demorou para cair a ficha. Eu sabia o que era a Seleção, mas essa opção jamais havia sido proposta para qualquer um de nós, muito menos para mim.

— Não.

Minha mãe ergueu as mãos e disse:

— Apenas escute...

— Uma Seleção? — explodi. — Isso é loucura!

— Eadlyn, você está sendo irracional — argumentou ela.

Dirigi um olhar fulminante a ela.

— Você *prometeu*. Prometeu que jamais me obrigaria a casar com alguém em troca de alianças políticas. Como uma Seleção pode ser melhor que isso?

— Ouça o que temos a dizer... — ela insistiu.

— Não! — berrei. — Não vou aceitar.

— Calma, baixinha.

— Não fale comigo assim. Eu não sou criança!

Minha mãe suspirou.

— Mas age como se fosse.

— Vocês estão arruinando minha vida!

Corri os dedos pelo cabelo e respirei fundo várias vezes, na esperança de que isso me ajudasse a pensar. Aquilo não podia acontecer. Não comigo.

— É uma grande oportunidade — meu pai insistiu.

— Você está tentando me acorrentar a um estranho!

— Eu disse que ela seria teimosa — minha mãe cochichou para meu pai.

— Me pergunto a quem ela puxou — ele disparou com um sorriso.

— Não falem de mim como se eu não estivesse no quarto!

— Desculpe — meu pai disse. — Só queremos que você pense a respeito.

— E Ahren? Não pode ser ele?

— Ahren não é o futuro rei. Além disso, ele já tem Camille.

A princesa Camille era a herdeira do trono francês. Alguns anos antes, tinha conseguido, por força das piscadelas de seus belos cílios, conquistar o coração de meu irmão.

— Então casem os dois! — supliquei.

— Camille será rainha quando chegar a hora e, como você, terá de pedir seu companheiro em casamento. Se a escolha fosse de Ahren, poderíamos pensar no caso, mas não é.

— E Kaden? Vocês não podem fazer a Seleção com ele?

Minha mãe deu uma risada irônica.

— Ele tem catorze anos! Não temos todo esse tempo. O povo precisa de alguma coisa que os empolgue agora — disse, e olhou bem nos meus olhos antes

de prosseguir. — Além disso, para ser sincera, já não está na hora de você procurar alguém para governar ao seu lado?

Meu pai concordou.

— É verdade. Não é uma função para suportar sozinha.

— Mas eu não quero casar — supliquei. — Por favor, não me obriguem a isso. Tenho só dezoito anos.

— A mesma idade que eu tinha quando casei com seu pai — minha mãe afirmou.

— Não estou preparada — insisti. — Não quero marido. Não façam isso comigo, por favor.

Minha mãe estendeu o braço sobre a mesa e segurou a minha.

— Ninguém vai fazer nada com você. Você é que fará algo pelo seu povo. Você dará um presente às pessoas daqui.

— Quer dizer, fingir um sorriso quando tiver vontade de chorar?

— Isso sempre foi parte do nosso trabalho — ela respondeu depois de franzir levemente a testa.

Apenas a encarei, à espera de uma resposta melhor.

— Eadlyn, por que você não tira um tempo para pensar melhor? — meu pai propôs calmamente. — Sei que estamos lhe pedindo muito.

— Isso quer dizer que tenho opção?

Papai respirou fundo, pensativo, antes de falar:

— Bem, meu amor, na verdade você terá trinta e cinco opções.

Levantei da cadeira com um salto e apontei para a porta.

— Saiam daqui! — exigi. — SAIAM DAQUI!

Sem mais uma palavra, os dois deixaram o quarto.

Por acaso não sabiam quem eu era e para que haviam me treinado? Eu era Eadlyn Schreave. Nenhuma pessoa era tão poderosa quanto eu.

Se eles achavam que eu ia me render sem lutar, estavam tristemente enganados.



3

DECIDI JANTAR NO QUARTO. Não estava a fim de ver minha família no momento. Estava furiosa com todos eles. Com meus pais, por serem felizes; com Ahren, por não ter sido rápido o bastante dezoito anos atrás; com Kaden e Osten, por serem tão jovens.

Neena deu a volta na mesa para me servir.

— A senhorita acha que vai ter que aceitar? — perguntou ela ao encher minha taça.

— Ainda estou pensando em um jeito de escapar.

— E se a senhorita dissesse que já está apaixonada por alguém?

Neguei com a cabeça enquanto brincava com a comida.

— Insultei os três candidatos mais prováveis bem na frente deles.

Neena então pôs um pratinho com chocolates no meio da mesa, supondo — corretamente — que eu estaria mais interessada neles do que no salmão com caviar.

— Talvez um guarda, então? Acontece bastante com as criadas — ela sugeriu, rindo.

— Tudo bem para elas, mas não estou tão desesperada assim — desdenhei.

A risada de Neena cessou.

Percebi imediatamente que minhas palavras a haviam ofendido. Mas era verdade: eu não podia ficar com qualquer um, muito menos um guarda. Pensar naquela possibilidade já era perda de tempo. Eu precisava de uma saída para aquela situação.

— Não disse por mal, Neena. Acontece que as pessoas esperam certas coisas de mim.

— Claro.

— Já terminei. Você está dispensada pelo resto da noite. Deixarei o carrinho com os pratos no corredor.

Ela fez que sim com a cabeça e saiu sem dizer mais uma palavra.

Belisquei os chocolates, mas logo desisti de comer qualquer coisa e vesti a camisola. Não podia argumentar com meus pais naquele momento, e Neena não me entendia. Precisava falar com a única pessoa capaz de entender o meu lado, a pessoa que às vezes parecia minha outra metade. Eu precisava falar com Ahren.

— Está ocupado? — perguntei, entreabrindo sua porta.

Ahren estava sentado à escrivaninha fazendo anotações. Seus cabelos loiros

estavam aquela bagunça típica do fim do dia, mas seus olhos não tinham qualquer vestígio de cansaço. Parecia-se tanto com nosso pai quando jovem que chegava a ser assustador. Ele ainda estava com a roupa do jantar, mas já havia tirado o paletó e a gravata, preparando-se para dormir.

— Faça o favor de bater antes de entrar.

— Eu sei, eu sei, mas é uma emergência.

— Então arrume um guarda — ele retrucou e voltou à papelada.

— Já sugeriram isso — disse para mim mesma. — É sério, Ahren. Preciso da sua ajuda.

Meu irmão me olhou por cima do ombro, e pude notar que estava prestes a ceder. Com ar despreocupado, empurrou a cadeira ao seu lado com o pé e disse, irônico: — Venha até meu escritório.

Ao sentar, perguntei:

— O que você está escrevendo?

Ele tratou de cobrir a folha rapidamente com outros papéis.

— Uma carta para Camille.

— Você sabe que pode simplesmente ligar pra ela.

Ele deu um sorrisinho e comentou:

— Mas eu vou ligar. E também vou mandar isto.

— Não faz sentido. O que tanto você tem para dizer que precisa de uma ligação e uma carta?

Ele balançou a cabeça.

— Para a sua informação, os dois têm propósitos diferentes. As ligações são para as notícias e para saber como foi o dia dela. As cartas são para coisas que nem sempre posso dizer em voz alta.

— Sério? — perguntei, já me inclinando para pegar o papel.

Antes que pudesse chegar perto, a mão dele grudou no meu punho.

— Eu mato você — ele garantiu.

— Ótimo — disparei. — Aí você vira o herdeiro, passa pela Seleção e dá um beijo de despedida na sua preciosa Camille.

Sua testa se encheu de rugas.

— O quê?

Soltei o corpo de novo na cadeira.

— A mamãe e o papai querem levantar o moral do povo. Decidiram isso pelo bem de Illéa — eu disse com um patriotismo sarcástico. — Preciso passar pela Seleção.

Eu esperava uma demonstração de horror abjeto. Talvez uma mão simpática sobre meu ombro. Mas Ahren jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

— Ahren!

Ele continuava urrando, dobrando-se para a frente e dando tapas no joelho.

— Você vai amassar a roupa — avisei, o que só aumentou as risadas. — É sério, pelo amor de Deus! O que eu devo fazer?

— Como se eu soubesse! Não acredito que eles realmente acham que isso vai funcionar — ele acrescentou sem parar de rir.

— O que isso quer dizer?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Acho que sempre pensei que, se algum dia você se casasse, seria em um futuro bem distante. Acho que todo mundo tinha certeza disso.

— E o que *isso* quer dizer?

O toque de carinho que eu esperava finalmente veio quando ele pegou minha mão.

— Ah, Eady. Você sempre foi independente. É a rainha em você. Gosta de estar no comando, de fazer as coisas por conta própria. Eu imaginava que só iria se unir a alguém depois de reinar por um tempo.

— Para começo de conversa, não tive muita escolha — resmunguei, abaixando a cabeça mas com os olhos ainda em meu irmão.

Ele fez uma careta e emendou:

— Pobre princesinha. Então você não quer governar o mundo?

Afastei a mão dele com um tapa.

— Sete minutos. Devia ter sido você. Eu preferia mil vezes ficar sentada sozinha escrevendo bobagens em vez de lidar com toda a burocracia. E essa história ridícula de Seleção não faz o menor sentido! Você não vê como é lamentável?

— Aliás, como enfiaram você nisso? Pensei que tinham abolido a Seleção.

— Não tem nada a ver comigo — respondi com cara de tédio. — Essa é a pior parte. O papai tem enfrentado muita oposição, por isso vai tentar distrair as pessoas.

Antes de continuar, balancei a cabeça.

— A situação está ficando feia, Ahren. Estão destruindo casas e lojas. Já houve algumas mortes. O papai não sabe ao certo de onde vêm os ataques, mas acha que as pessoas da nossa idade, da geração que cresceu sem as castas, têm provocado a maior parte deles.

Uma expressão de dúvida apareceu no rosto dele.

— Não faz sentido. Por que crescer sem aquelas restrições deixaria alguém com raiva?

Fiz uma pausa para pensar. Como explicar algo que não passava de uma hipótese para mim?

— Bom, fui criada com todos me dizendo que eu seria a rainha um dia. Era

isso. Nada de escolhas. Você cresceu sabendo que tinha opções. Podia entrar para o exército, virar embaixador, podia fazer um monte de coisas. Mas e se isso não acontecesse na prática? E se você não tivesse todas as oportunidades que imaginava antes?

— Hum... — ele disse, mostrando que seguia o raciocínio. — Então eles não têm acesso a empregos?

— Empregos, educação, dinheiro. Ouvi falar de gente que proíbe o casamento dos filhos por conta das velhas castas. Nada está acontecendo do jeito que o papai planejou, e é quase impossível controlar esses movimentos. Será que dá para forçar as pessoas a serem justas?

— É isso que o papai está tentando resolver agora? — Ahren perguntou, cético.

— Sim. E eu sou o show de ilusionismo que vai distrair as pessoas enquanto ele elabora um plano.

Ahren achou graça.

— Essa explicação faz bem mais sentido do que você ter virado romântica de repente.

Ergui a cabeça.

— Já deu, Ahren. Eu não estou interessada em casar. Por que isso importa? Outras mulheres podem ficar solteiras.

— Mas ninguém espera que outras mulheres produzam um herdeiro.

Dei outro tapa nele.

— Me ajude! O que eu faço?

Seus olhos procuraram os meus. Percebi, com a facilidade que tinha para saber o que ele sentia, que finalmente entendeu que eu estava aterrorizada. Não irritada ou zangada. Não ultrajada ou enojada.

Eu estava com medo.

Uma coisa era a expectativa de que eu comandasse o país, de que carregasse o peso de governar milhões de pessoas sozinha. Tratava-se de um emprego, uma tarefa. Eu podia riscar itens de uma lista, delegar. Mas casamento era muito mais pessoal, outro pedaço da minha vida que deveria ser meu, mas aparentemente não era.

O sorriso brincalhão de meu irmão desapareceu e ele arrastou a cadeira para perto da minha.

— Se a ideia é distrair as pessoas, talvez você pudesse sugerir outras... oportunidades. Um possível casamento talvez não seja a única alternativa. Por outro lado, se nossos pais chegaram a essa conclusão, devem ter esgotado todas as outras opções.

Enterrei a cabeça nas mãos. Não queria contar a Ahren que sugeri que *ele* se

casasse, nem que considerarei até Kaden viável. Tinha a sensação de que meu irmão estava certo; a Seleção era a última esperança dos meus pais.

— Eis o ponto, Eady. Você será a primeira garota a assumir o trono por direito. E as pessoas esperam muito de você.

— Como se eu já não soubesse.

— Mas — ele prosseguiu —, isso lhe dá bastante poder de barganha.

Levantei um pouco a cabeça.

— Como assim?

— Já que você precisa mesmo fazer isso, tente negociar.

Me endireitei na cadeira. Pensei e repensei, tentando imaginar o que poderia pedir. Talvez houvesse um jeito de passar logo por aquilo, sem ter que acabar com um pedido de casamento.

Sem pedido de casamento!

Se eu falasse rápido o bastante, provavelmente conseguiria que meu pai concordasse com praticamente qualquer coisa, desde que ele tivesse sua Seleção.

— Negociar! — balbuciei.

— Exatamente.

Levantei, agarrei Ahren pelas orelhas e estalei um beijo em sua testa.

— Você é meu herói absoluto!

Ele sorriu.

— Qualquer coisa por você, minha rainha.

Ri e o empurrei.

— Obrigada, Ahren.

— Mãos à obra — ele falou, apontando para a porta. Suspeitei que estava mais ansioso para voltar à carta do que para acompanhar meu plano.

Saí correndo do quarto dele em direção ao meu para pegar papel. Precisava pensar.

Quando virei a esquina do corredor, trombei com alguém e caí sentada no carpete.

— Ai! — reclamei. Ao erguer os olhos, dei com Kile Woodwork, filho da madame Marlee.

Kile e o resto da família Woodwork possuíam aposentos no mesmo andar que a nossa, uma honra muito especial. Ou irritante. Dependia da opinião que se tinha sobre os Woodwork.

— Com licença — eu disse, ríspida.

— Não era eu que estava correndo — ele replicou, recolhendo os livros que tinha derrubado. — Precisa olhar por onde anda.

— Um cavalheiro estenderia a mão imediatamente — disse a ele.

O cabelo de Kile cobriu seus olhos quando se voltou para mim. Ele precisava

desesperadamente cortar o cabelo e fazer a barba. Além disso, sua camisa estava grande demais. Não sei de quem eu sentia mais vergonha: dele, pela aparência tão desleixada, ou da minha família, que tinha de ser vista com aquele desastre.

O mais irritante era que ele nem sempre tinha sido tão esculachado, nem precisava ser. Qual a dificuldade de passar uma escova no cabelo?

— Eadlyn, você nunca me considerou um cavalheiro.

— Verdade — concordei, enquanto me levantava sozinha e batia o pó do roupão.

Eu havia sido poupada da companhia pouco empolgante de Kile nos últimos seis meses. Ele fora a Fennley se matricular em algum curso intensivo, e sua mãe lamentara sua ausência desde o dia de sua partida. Eu não sabia o que ele estudava nem fazia questão de descobrir. Mas ele estava de volta, e sua presença era mais um fator de estresse numa lista que não parava de crescer.

— E o que faria uma dama como você correr desse jeito, afinal?

— Assuntos que você é tosco demais para compreender.

Ele riu.

— Certo, porque sou tão simplório. É um milagre conseguir tomar banho sozinho.

Eu estava prestes a perguntar se ele realmente chegava a tomar banho, porque a impressão era de que ele fugia de qualquer coisa semelhante a um sabonete.

— Espero que um desses livros seja um manual básico de etiqueta. Você precisa se atualizar urgentemente.

— Você ainda não é rainha, Eadlyn. Baixe um pouco a bola.

Ele se afastou, e fiquei furiosa por não ter dado a palavra final.

Segui adiante. Minha vida agora tinha problemas maiores que as boas maneiras de Kile. Não podia desperdiçar meu tempo discutindo com as pessoas ou me distraíndo com qualquer coisa que não desse fim à Seleção.



4

— QUERO SER CLARA — eu disse ao sentar diante da mesa do meu pai. — Não tenho intenção de me casar.

Ele fez que sim com a cabeça e começou a falar:

— Entendo que você não queira isso hoje, mas um dia vai precisar se casar, Eadlyn. Você tem a obrigação de dar continuidade à linhagem real.

Eu odiava quando ele falava assim do meu futuro. Como se sexo, amor e bebês não fossem coisas boas, mas deveres a ser cumpridos para manter o país nos eixos. Isso apagava qualquer traço de alegria das minhas perspectivas.

De todas as coisas da vida, essas não deveriam ser as melhores partes, os prazeres mais verdadeiros?

Afastei essa preocupação e me concentrei no objetivo que tinha naquele momento.

— Entendo. Concordo que é importante — repliquei diplomaticamente. — Mas durante a sua Seleção você nunca se preocupou com a possibilidade de que ninguém do grupo fosse a garota certa? Ou de que talvez muitas estivessem lá pelos motivos errados?

Seus lábios esboçaram um sorriso.

— Eu me preocupava com isso todos os dias e boa parte das noites.

Então ele me contou várias histórias vagas sobre uma garota tão dócil que ele mal podia suportá-la e também sobre outra que tentara manipular cada etapa do processo. Eu não conhecia muitos nomes ou detalhes, e nem fazia questão. Nunca gostei de imaginar que meu pai poderia ter se apaixonado por outra garota que não a minha mãe.

— E você não concorda que, como serei a primeira mulher a assumir o controle total da coroa, é necessário estabelecer alguns... padrões a respeito de quem pode governar ao meu lado?

— Continue — disse ele, inclinando a cabeça.

— Imagino que com certeza deve existir algum sistema de cortes pronto para evitar que um psicopata consiga entrar no palácio, certo?

— Claro — ele confirmou com um sorriso, como se a minha preocupação não fosse válida.

— Acontece, porém, que não confio em ninguém para assumir o cargo comigo. Portanto — suspirei fundo antes de continuar —, concordo em passar por esse espetáculo ridículo se você me prometer algumas coisinhas.

— Não é um espetáculo. Tem um histórico excelente. Mas por favor, minha querida, diga-me o que quer.

— Primeiro, quero que os concorrentes tenham liberdade para partir por vontade própria. Não quero que ninguém fique aqui obrigado se não gostar de mim ou da vida que levará no palácio.

— Concordo plenamente com isso — meu pai disse, decidido. Aparentemente pus o dedo em alguma ferida.

— Excelente. E sei que você talvez se oponha à ideia, mas se no fim eu não encontrar ninguém adequado, cancelamos tudo. Nada de príncipe, nada de casamento.

— Ah! — ele disse, se inclinando para a frente na cadeira e apontando um dedo precavido para mim. — Se eu permitir isso, você vai rejeitar todos no primeiro dia. Não vai nem tentar!

Fiz uma pausa para pensar.

— E se eu lhe garantisse um prazo? Eu deixaria a Seleção correr por, digamos, três meses, e consideraria as opções pelo menos por esse período. Depois disso, se não tiver encontrado uma pessoa adequada, dispenso todos os concorrentes.

Meu pai passou a mão no rosto e se revirou um pouco na cadeira antes de cravar os olhos nos meus.

— Eadlyn, você sabe o quanto isso é importante, não sabe?

— Claro — respondi no ato, com plena consciência da seriedade do assunto. Tinha a sensação de que um passo errado colocaria minha vida em uma rota que eu jamais poderia corrigir.

— Você precisa fazer isso e precisa fazer bem. Em nome de todos. Nossas vidas, todas elas, estão a serviço de nosso povo.

Desviei o olhar. Para ser sincera, minha sensação era de que minha mãe, meu pai e eu formávamos o trio a ser sacrificado, enquanto os outros faziam o que bem entendiam.

— Não vou desapontá-lo — prometi. — Faça o que precisa fazer. Elabore seus planos, encontre uma maneira de aplacar nosso povo e eu lhe darei tempo suficiente para organizar tudo.

Meu pai olhou para o teto, pensativo, antes de responder.

— Três meses? E você promete que vai tentar?

Levantei o braço em juramento.

— Dou minha palavra. Até assino um documento se você quiser, mas não posso prometer que vou me apaixonar.

— Eu não teria tanta certeza se fosse você — ele disse como quem sabe das coisas.

Só que eu não era meu pai nem minha mãe. Não importava o quanto a

situação parecesse romântica para ele, eu só conseguia pensar nos trinta e cinco garotos — barulhentos, intragáveis, fedidos — que estavam prestes a invadir minha casa. Nada disso soava “mágico”.

— Temos um acordo — ele disse finalmente.

Levantei praticamente pronta para sair dançando.

— Mesmo?

— Mesmo.

Estendi o braço e selei meu futuro com um único aperto de mão.

— Obrigada, pai.

Deixei a sala antes que ele pudesse ver o tamanho do meu sorriso. Eu já vinha planejando como fazer a maioria dos garotos sair por livre e espontânea vontade. Eu podia intimidá-los quando necessário ou pensar em maneiras de tornar o ambiente do palácio nada acolhedor. Também contava com uma arma secreta: Osten. Dos meus irmãos, ele era o que mais aprontava, então não seria difícil convencê-lo a me ajudar.

Me parecia admirável que um garoto comum se sentisse preparado o bastante para enfrentar o desafio de se tornar príncipe. Mas ninguém me amarraria antes do tempo, e eu ia garantir que esses pobres coitados soubessem bem onde tinham se metido.

A temperatura estava baixa no estúdio, mas assim que as luzes se acenderam parecíamos estar em um forno, tamanha a diferença que a iluminação fazia. Eu já tinha aprendido havia alguns anos a escolher roupas frescas para o *Jornal Oficial*, de modo que meu vestido para aquela noite deixava meus ombros à mostra. Meu visual era elegante, como sempre, mas nada que me fizesse desmaiar de calor.

— Esse vestido é perfeito — minha mãe comentou enquanto endireitava os babados das mangas. — Você está linda.

— Obrigada. Você também.

Ela sorriu e continuou ajustando minha roupa.

— Obrigada, linda. Sei que está um pouco apreensiva, mas acho que uma Seleção fará bem a todos. Você passa muito tempo sozinha, e teríamos que pensar nisso cedo ou tarde, e...

— As pessoas ficarão contentes. Eu sei.

Tentei disfarçar o sofrimento na minha voz. Tecnicamente, as filhas da realeza já não eram mais oferecidas em troca de alianças políticas... mas a sensação não era muito diferente. Será que ela não percebia isso?

Seus olhos passaram do meu vestido para meu rosto. Algo naquele olhar me dizia que ela sentia pena.

— Sei que isso parece um sacrifício. E é verdade que, quando levamos uma vida pública, há muitas coisas que fazemos não porque queremos, mas porque devemos.

Ela engoliu em seco antes de continuar:

— Mas foi assim que encontrei seu pai, fiz minhas amigas mais íntimas e aprendi que era mais forte do que imaginava. Sei do seu acordo com seu pai. Se tudo isso acabar sem que você encontre a pessoa certa, que assim seja. Mas, por favor, permita-se viver a experiência. Melhore, aprenda. E tente não nos odiar por pedirmos isso de você.

— Eu não odeio vocês.

— Mas considerou essa possibilidade quando fizemos a proposta — ela disse com um sorrisinho. — Não é mesmo?

— Tenho dezoito anos. Meus genes estão programados para brigar com meus pais.

— Não ligo para uma boa briga desde que no final você ainda tenha consciência do quanto eu amo você.

Dei um passo adiante para abraçá-la.

— E eu amo você. Juro.

Ficamos abraçadas por um tempo. Então ela me soltou e foi procurar meu pai, não sem antes alisar de novo meu vestido, garantindo que minha aparência continuasse impecável. Em seguida, fui tomar meu lugar ao lado de Ahren, que acenou com as sobrancelhas para me provocar.

— Está linda, irmãzinha. Praticamente uma noiva.

Segurei a saia e sentei graciosamente.

— Mais um comentário e raspo a sua cabeça enquanto você estiver dormindo.

— Eu também amo você.

Tentei não sorrir, mas fracassei. Ele sempre sabia o que dizer.

O lugar estava cheio de residentes do palácio. Madame Lucy estava sozinha, pois o general Leger estava em serviço, e o sr. e a sra. Woodwork sentaram atrás das câmeras com Kile e Josie. Eram os únicos filhos do casal, e eu sabia que a madame Marlee significava o mundo para minha mãe, então guardava para mim mesma a opinião de que os filhos dela eram absolutamente terríveis. Kile não era tão intragável quanto Josie, mas, mesmo depois de todos esses anos de convivência, jamais chegamos perto de ter uma conversa interessante. Esperava que nunca acontecesse, mas se algum dia eu tivesse um problema grave de insônia, poderia contratá-lo para ficar falando ao lado da minha cama. Resolveria o problema. E Josie... Eu não tinha palavras para descrever como aquela menina era deplorável.

Os conselheiros do meu pai começaram a aparecer, saudando-nos com uma

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Herdeira"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).